

# Notas sobre anotações: o registro informal da atividade psicológica como processo discursivo

*Considerations on notes: the informal record of psychological activity as a discursive process*

*Consideraciones sobre notas: el registro informal de la actividad psicológica como un proceso discursivo*

## RESUMO

O ensaio apresenta ao leitor algumas considerações sobre a prática das anotações como um fenômeno discursivo característico do exercício profissional da psicologia. Propõe-se o entendimento da atividade do psicólogo como um jogo de ocupação de espaços na configuração subjetiva do outro com quem dialoga e argumenta-se que as anotações marcadas pela subjetividade do psicólogo podem representar questões interpretativas e mesmo éticas em relação à pessoa atendida.

Palavras-chave: anotações; psicologia; discurso; subjetividade.



Recebido em: 6 de outubro de 2023  
Aceito em: 29 de abril de 2024  
DOI: 10.26512/les.v25i1.51079

# CADERNOS de LINGUAGEM & SOCIEDADE

*Papers on Language and Society*

**Fábio Luiz Nunes**

[fabio.nunes.fln@cefetmg.br](mailto:fabio.nunes.fln@cefetmg.br)

<https://orcid.org/0000-0003-0784-1921>

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), Belo Horizonte, MG, Brasil

**Jussara Biagini**

[jussara.biagini@uemg.br](mailto:jussara.biagini@uemg.br)

<https://orcid.org/0009-0004-3715-4828>

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

# ENSAIO

## ABSTRACT

This essay introduces the reader to some reflections on the practice of note-taking as a typical discursive phenomenon in the professional exercise of psychology. It proposes an understanding of the psychological activity as a game of occupying spaces in the subjective configuration of the person he attends, and argues that notes marked by the psychologist's subjectivity can represent interpretative and even ethical issues regarding his client.

Keywords: notes; psychology; discourse; subjectivity.

## RESUMEN

El ensayo presenta al lector algunas consideraciones sobre la práctica de tomar notas como un fenómeno discursivo característico del ejercicio profesional de la psicología. Se propone entender la actividad del psicólogo como un juego de ocupación de espacios en la configuración subjetiva del otro con quien dialoga, y se argumenta que las notas marcadas por la subjetividad del psicólogo pueden representar cuestiones interpretativas e incluso éticas en relación con la persona atendida.

Palabras clave: anotaciones; psicología; discurso; subjetividad.

### Como citar:

NUNES, Fábio Luiz; BIAGINI, Jussara. Notas sobre anotações: o registro informal da atividade psicológica como processo discursivo. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 179-186, jan./jun. 2024. Disponível em: . Acesso em: XXX.

### Correspondência:

Nome por extenso do autor principal  
Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

### Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)..



## INTRODUÇÃO

Tome seu bloquinho de papel comprado há algumas semanas na papelaria do bairro ou uma daquelas suas agendas surradas que acabaram se tornando um *organizador de qualquer coisa* no presente – o que alguns vão chamar de *planner*, talvez. É possível, de outro lado, que estejamos diante de alguém que tenha aposentado esses suportes celulósicos e que hoje faça uso corriqueiro de aplicativos de *smartphone* com função semelhante. Pois então, neste momento, convidamo-lo, leitor, a abrir esse recurso digital em seu *gadget* portátil...

Mas, afinal de contas, o que há lá? Há *notas*. Ou *anotações*. Ou notas e anotações. Se há alguma diferença entre esses dois registros, cabe-nos, por certo, discorrer sobre isso. Seja qual for o termo, falamos de um conjunto de frases, em geral curtas que, com frequência, não chegam a compor um texto. Porém, sob o ponto de vista comunicativo, poder-se-ia dizer que a nota se pretende a uma tarefa fundamentalmente informativa e cognitiva (em sua função de memorando ou recado), razão pela qual se estrutura como um material *enuncivo*,<sup>1</sup> em essência. A anotação, por seu turno, costuma remeter a um procedimento de comentário, no sentido de se veicularem impressões sobre o mundo, fato que, às claras ou às escuras, nos *delata* no interior de nosso próprio dizer: esta, em distinção àquela, é um material significativamente *enunciativo*.

As inteligências artificiais parecem corroborar a concepção acima citada. Perguntei a um mecanismo *on-line* gerador de texto<sup>2</sup> (ou seria *autor de texto*?) o que *nota* e *anotação* queriam dizer. A máquina assim me respondeu:

uma “nota” é um tipo de texto conciso e sucinto, geralmente utilizado para comunicar informações de maneira rápida e direta. Pode ser usado em diferentes contextos, como comunicações internas em uma organização, comunicados oficiais, lembretes, avisos, entre outros. As notas são caracterizadas por serem breves, objetivas e fornecerem informações específicas de forma clara e direta. Por outro lado, uma “anotação” geralmente se refere a um registro pessoal ou individual de informações. É um texto mais informal e pode ser usado para tomar notas durante uma reunião, palestra, aula ou qualquer situação em que alguém queira registrar pontos importantes para referência futura. As anotações são frequentemente escritas de maneira mais livre e podem incluir comentários pessoais, esquemas, diagramas ou desenhos que auxiliam na compreensão do conteúdo registrado.

Argumentando dessa maneira, confessamos enxergar bastante lucidez no que o robô nos *fala*. Apesar disso, devemos assinalar que, entre nota e anotação, impõe-se muito mais uma

<sup>1</sup> Em suas *Astúcias*, o prof. José Luiz Fiorin (2021), reportando-se às elaborações benvenisteanas e ao célebre dicionário greimasiano de semiótica, opõe a construção *enunciva* à construção *enunciativa* da linguagem. Enquanto aquela não explicita marcadores de subjetividade, esta evidencia a instauração do *eu* no discurso, por meio de diferentes elementos: pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos e advérbios apreciativos, dêiticos temporo-espaciais e outros. Uma elaboração discursiva do tipo enunciva, como é possível perceber, opera o apagamento dos sujeitos da interação, do *aqui e/ou do agora*, promovendo efeitos de sentido relacionados a distanciamento, objetividade, neutralidade, sobriedade, cientificidade...

<sup>2</sup> Consultamos, em maio de 2023, um modelo de linguagem treinada em ambiente informático denominado ChatGPT, cuja plataforma *on-line* fornece um ambiente de conversação escrita na qual se pode obter, com elevada precisão, informações sobre os mais variados assuntos. O ChatGPT é uma tecnologia de comunicação criada em 2022 pelo laboratório de pesquisa em inteligência artificial estadunidense OpenAI.

diferença de grau que de substância, uma vez que, na prática cotidiana desses registros de linguagem, notas costumam conter anotações, e o contrário também é verdadeiro.

Diríamos até que, em última análise, toda anotação é, em sua origem, uma nota... Uma nota carregada de cor, cheiro e sabor, de matizes que nem sempre se deixam capturar pela consciência de seu próprio produtor. Drama pelo qual certamente os psicólogos, em suas rotineiras e personalíssimas *glosas*, buscam evitar passar, seja por força de uma coerção intrínseca, seja por conta das representações sociais (Moscovici, 2015) que eles mesmos erigem em torno da profissão, imaginários que conjuram repetidamente o lugar do psicólogo como aquele que, mais do que qualquer outro, deve antecipar-se a suas lacunas de saber – principalmente quando se fala em *saber sobre si*.

Ora, se o fazer psicológico não é sobre *inserir-se em lacunas*... Mais precisamente nos vãos da vida daqueles sobre quem a cognição, a intuição e a técnica do psicólogo se debruçam... É nesse ato de meter-se nos interstícios da pretensa totalidade alheia (uma totalidade que, deixe-me adiantar, nunca é *total*) que o psicólogo, como *figura e função*, media conexões e colabora na engenharia de pontes de sentido demandadas pela inquietude dessa alteridade. Ele, o psicólogo, deve saber, porém, que ocupar os hiatos do sujeito com quem se defronta não se confunde, sob hipótese alguma, com tamponar a falta (de que falam os psicanalistas) ou promover a *Gestalt* (como compreendem os fenomenólogos wertheimerianos). E pode-se sugerir que essa inexorável frustração ante a incompletude de ser sujeito dá-se porque o vazio pungente que experimentam aqueles que narram sobre si em contextos psicológicos é tanto (i) efeito da lancinante constatação do absurdo da vida (e os existencialistas aqui se identificam) quanto (ii) resultado de um trabalho de retrospecto do simbólico que nunca alcança um suposto e imaculado significante originário,<sup>3</sup> o que diz respeito, evidentemente, à dimensão que os lacanianos tratariam como o Real do inconsciente humano estruturado como uma linguagem (Lacan, 1988).

Além do mais, e para não perder de vista essa orientação psicodinâmica sobre o estatuto da falta, deve-se observar que é constitutivamente inexecutável o sujeito pleno, não lacunar, tendo em conta que, na relação com a exterioridade, o *eu* se depara, todos os dias de sua existência, com o fato de que nada é ilimitado: nem o prazer, nem o poder, nem o saber, nem o dizer. Nem mesmo seu desejo. Aliás, é principalmente esse desejo que se submete a toda sorte de constrangimentos intersubjetivos e histórico-culturais.

Para o psicólogo, de fato é importante dar-se conta de que seu movimento de penetração na natureza intervalar da alteridade não representa a “solução última” para o sofrimento que ela vocifera. É bem verdade que o sujeito que se encontra *sob os cuidados* da psicologia rapidamente se decepciona ao perceber que o profissional diante dele não está nem nunca estará investido da

---

<sup>3</sup> Nessa direção, o Círculo de Bakhtin (2003) nos ensina que o *enunciado adâmico* – talvez aquele que pudesse dizer sobre o mundo, e sobre quem o produz, através de um significante primevo – é uma entidade à qual não se tem acesso. Ele é, pois, uma ficção linguística que não faz frente à inescapável dialogicidade do existir humano.

capacidade de ejetá-lo definitivamente da órbita da angústia. Mas esse desapontamento é necessário, pois dá causa ao começo de uma segunda etapa da relação com o psicólogo, sobretudo no *setting* terapêutico. Nesse novo e genuíno estágio, o indivíduo (i) desloca-se da (busca pela) eliminação do padecimento que o funda para sua *autogestão* (que não deve ser resignada, mas ancorada na realidade) e (ii) enxerga o psicólogo, afinal, como mais um sujeito,<sup>4</sup> para além de seu papel social e profissional.

Essa digressão que a você nós trouxemos se fez precisa, caro leitor, porque com ela podemos reiterar o problema que identifico na tentativa deliberada de os psicólogos, mesmo os mais experientes, apagarem-se como sujeitos em seu próprio fazer profissional, o que interfere na produção mesma de suas notas e anotações de bordo. Certo é que o psicólogo, preocupado em perscrutar o sujeito no outro, eclipsa a si e a seus equívocos, sob a crença de que só haveria espaço para a subjetividade alheia no quadro da relação profissional estabelecida.

Bem, é claro que não se deve relativizar o compromisso ético e técnico do agente da psicologia. Com efeito, guiar-se cegamente por suas vicissitudes subjetivas afasta o psicólogo de sua missão e pode, inclusive, atribuir-lhe preocupantes consequências administrativas e jurídicas, mas não é sobre isso que estamos falando. Na realidade, o exercício aqui é o de considerar que o sujeito psicólogo simplesmente não se deixa do lado de fora da porta de seu trabalho, por mais que possa haver esforços nessa direção.

Mais que nas intervenções orais, é na escritura que o psicólogo se faz *eu*. Nem dizemos tanto de documentos característicos da profissão, como relatórios e declarações psicológicas, mas fundamentalmente desse gênero do discurso, de certa forma marginalizado, a que chamamos de *anotações psicológicas*. Corriqueiras, mas cujo uso não é consensual e nem verificado em todos os contextos de atuação profissional, as anotações psicológicas guardam com o ensaio, veja só, um aspecto comum: apresentam trajetórias composicionais bastante livres e abordam assuntos que, ainda que na aparência eventualmente possam sê-lo, jamais são triviais na essência.

É por meio das anotações produzidas *pari passu* ou *a posteriori* em relação a sua prática que o psicólogo pode elaborar dados e *insights* sobre o discurso evocado pelo outro a quem dedica sua escuta. Muitas vezes denso e não linear, e algumas vezes debilmente congruente, o dizer do outro inspira tratamento atencioso por parte do psicólogo, que vê nas anotações um recurso para a (re)organização do trabalho relativamente simples e bastante acessível... As anotações são, por isso, uma ferramenta mnemônica, porque quando retomadas, são capazes de suscitar informações relevantes para a condução de intervenções de médio e longo prazo, sem as quais a qualidade do serviço psicológico poder-se-ia colocar em risco.

---

<sup>4</sup> Podemos estabelecer alguma aproximação entre essa noção de sujeito e a do *eu* da Análise do Discurso. O psicólogo, em sua fragilidade e dubiedade enquanto ser empírico, é *sujeito de* e *sujeito a*, tal como o sujeito do discurso (Orlandi, 2001), clivado por sua própria natureza. É certo que o psicólogo, quando enuncia, ocupa uma posição actorial distinta do outro com quem dialoga; ainda assim, ele se torna espelho de falha e de impotência com quem esse outro, depois de se surpreender, será capaz de se identificar.

Devemos dizer que essa recuperação das anotações não se faz sem que haja alguma implicação: primeiro, porque toda (re)leitura de um enunciado é um *acontecimento discursivo*,<sup>5</sup> o que faz com que o psicólogo da anotação produzida não seja o mesmo da anotação revisitada. Elaboraões fatalmente se perdem, mas também (e paradoxalmente) se multiplicam nessa transição da escrita para a leitura pessoal das anotações. Além disso, o gesto de reexame dos comentários é, de fato, terreno conveniente para que o psicólogo reflita sobre o modo como seu *eu* atravessa essa atividade discursiva tão representativa da profissão.

Fato é que o psicólogo, ao se dar conta da inevitável cisão de seu papel enunciativo, depara-se com seu *eu* leitor substancialmente distinto da entidade autora, assumida no instante da redação das anotações, fazendo emergir aí a contingencialidade plurivocal e sócio-histórica do que Foucault (2001) chamaria de *função-autor*. Entendemos que, nessa configuração, não se fazem presentes *duas instâncias* no interior de um mesmo sujeito de linguagem, mas, em realidade, *dois sujeitos de linguagem*, de alguma maneira autônomos e interdependentes entre si, que promovem, juntos, a instável sedimentação dos sentidos da palavra anotada.

Esse gesto de retorno às anotações não raro desperta uma sensação de *estranhamento* no psicólogo leitor, a despeito da tentativa de se fazer crer que aquele dizer que ora lê é *seu*. Bom, parece-nos que tamanho desconforto não deveria ter razão de existir, caso o terapeuta da palavra tomasse ciência de que o *já-dito*, afinal, a ninguém pertence, a não ser ao *interdiscurso*, e que mesmo revisitando um texto de *autoria sua*, a significação dele irremediavelmente escapa àquele imaginário controle autoral. Tal movimento desconcertante, mas muito produtivo, é materialmente representado, por exemplo, através daquelas pitorescas questões do tipo “o que eu quis dizer com isso mesmo?” ou “eu não fui feliz nesse trecho aqui”, que inundam a atividade crítica de leitura do psicólogo sobre suas anotações. Mais curiosas ainda são as considerações de leitura da categoria “nossa, que olhar aguçado tive eu nesse ponto!”, reveladoras de que a dinâmica de permanente construção dos sentidos do discurso entre autor e leitor opera-se em múltiplas direções e estrutura-se num jogo de (interminável) complementaridade entre os dois lados da moeda.

Portanto, é o *deslocamento* do psicólogo autor para o psicólogo leitor, suscitado pela exploração das anotações produzidas, que mobiliza o *deslocamento* dos sentidos estabilizados para aqueles que são sujeitos a equívoco, “espaço de deslimites e indistinções”, como falaria Orlandi (2012, p. 60). Ademais, viemos sustentando neste texto a ideia de que, a cada vez que se retomam as anotações, um outro psicólogo se institui; a cada leitura corresponde, como se observa, um novo ator da linguagem, que reedita ininterruptamente as semióticas da subjetividade em sua atitude de *interpretação*.

---

<sup>5</sup> O *acontecimento discursivo* compreende o tensionamento entre a *atualidade* e a *memória*, que dá causa a um processo de permanente *ressignificação*. Se, por um lado, a memória procura fixar uma regularidade enunciativa, o acontecimento discursivo promove, ao contrário, seu rompimento. Para Pêcheux (2012), vale assinalar, a concepção de acontecimento não é somente um fato exterior ao discurso, mas parte constitutiva da própria discursividade.

Repetitivo e, ao mesmo tempo, inédito, o contato com a alteridade nos encontros que traduzem a processualidade do ofício psicológico enseja anotações que vão se sobrepondo, amalgamando-se ou mesmo estabelecendo relações de oposição entre si, no fio do tempo. Esse caminhar inacabado da escritura sobre o outro, ao lado de sua própria (re)leitura, constitui o que percebo como a força que rege a (pretensa?) *originalidade* do discurso do psicólogo em seu fazer interventivo, *locus* de vida e de criatividade no ranger terapêutico da palavra intercambiada.

E pensar a instauração do sujeito psicólogo em sua produção discursiva de anotação importa tanto porque, nesse ponto, se atualizam os impasses deontológicos que devem ser corajosamente enfrentados por esse profissional quando elementos provenientes da alteridade o atingem em cheio e profundamente. Enquanto registro linguístico e evidência historiográfica do contato discursivo entre o psicólogo e seu outro, as anotações materializam criativas associações e propostas inteligentes de intervenção, mas igualmente podem denunciar silêncios, excessos e afetações de toda ordem as quais, com alguma frequência, ameaçam a boa e justa condução da atividade psicológica. Caberia perguntar, assim, o que o psicólogo faz diante dessas verdadeiras *lacunas* (ou, quem sabe, *transbordamentos*) que suas anotações podem deixar na tentativa de compreensão da alteridade.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**: estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3.
- LACAN, J. **O seminário**: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. do inglês de Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas (SP): Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação de sentidos. 4. ed. Campinas (SP): Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas (SP): Pontes, 2012.



**O/A(S) AUTOR(ES/AS)****Fábio Luiz Nunes**

Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, especialista em Retórica e Análise do Discurso em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Araraquara (2023) e psicólogo pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (2015). É profissional técnico-administrativo no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0784-1921>. E-mail: [fabio.nunes.fln@cefetmg.br](mailto:fabio.nunes.fln@cefetmg.br)

**Jussara Biagini**

Doutora (2005) e mestra (2000) em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1986) e profissional técnico-administrativa no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Também atua como docente na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: [jussara.biagini@uemg.br](mailto:jussara.biagini@uemg.br)